

Na rota de Lévi-Strauss

UMA VISITA ÀS ALDEIAS INDÍGENAS QUE FIZERAM SEUS PRIMEIROS CONTATOS COM MUNDO EXTERNO ATRAVÉS DO ANTROPÓLOGO FRANCÊS

TEXTO E FOTOS CAIO VILELA

“Montanhistas, acampai-vos no Paraná!” – exaltado com as belezas naturais brasileiras, o jovem professor Claude Lévi-Strauss começa um capítulo de sua obra máxima *Tristes Trópicos*, sem disfarçar o entusiasmo de seu espírito explorador.

Presente em cada página de seus relatos, o mesmo espírito que o levara aos rincões mais remotos do nosso país, o fizera desembarcar no Brasil pela primeira vez em 1935, um ano antes de sua primeira expedição. “A vocação de antropólogo começava a nascer e se consolidava a cada viagem” - como ele mesmo afirma.

Após graduar-se em direito e lecionar filosofia por dois anos em Paris, Lévi-Strauss viveu cinco anos em São Paulo, onde ocupou

a cadeira da Sociologia na recém criada Universidade de São Paulo. As viagens a campo aconteciam nas férias universitárias. Junto com sua mulher, a também professora da USP Dinah Lévi-Strauss, o acadêmico percorreu grandes distâncias entre 1935 e 1939, e relatou seus encontros indígenas no Pantanal, na Serra da Bodoquena, interior do Paraná e porções do Planalto Central goiano. Duas décadas depois, o registro dessas viagens foi publicado na França, na obra que consagrou seu nome.

Em uma de suas primeiras incursões Brasil adentro, Lévi-Strauss encontrou-se pela primeira vez com os indígenas. Às margens do rio Tibagi, no oeste paranaense, ficou decepcionado ao supor, com visão romântica e conhecimento etnográfico limitado, que “os

Família amondawa prepara jantar ao anoitecer na Aldeia Trincheira, reserva Uruewa-Waw, Rondônia

Índios do Tibagi (Kaingang) não eram nem “verdadeiros índios”, nem “selvagens”. E assim decidiu ir mais longe e retratar um Brasil menos explorado, viajando ao Centro-Oeste do país.

Primeira expedição

Na expedição após o primeiro ano letivo, em 1936, o antropólogo visitou os índios Kadiwéu próximo à fronteira com o Paraguai. Conhecidos como “índios cavaleiros” por sua natural destreza na montaria, o povo Kadiwéu retrata naturalmente sua sociedade hierarquizada e bem organizada em sua mitologia; na arte detalhada de sua pintura corporal e em seus rituais. Tal característica, documentada extensivamente em fotos e textos no livro *Tristes Trópicos*, segue viva. Seus guerreiros lutaram pelo Brasil na Guerra do Paraguai, e tiveram suas terras reconhecidas pelo governo logo após demonstrar notável força e conhecimento da região. Entre a fronteira com o Paraguai e as belas paisagens da Serra da

Bodoquena, próximo a Bonito, os Kadiwéu ocupam uma reserva de 538.000 hectares, no município de Porto Murtinho-MS. Totalizam hoje aproximados 1650 índios, todos muito bem acostumados com o estilo de vida nas cidades sul-matogrossenses, embora até hoje se comuniquem entre si através de seu idioma guaicuru. A numerosa criação de cavalos e o porte físico atlético de seus guerreiros inspiram coragem e confiança. Instruídos e comunicativos, eles constituem umas das poucas etnias que tradicionalmente apresenta algum comportamento voltado ao planejamento familiar e controle de natalidade. No passado, suas índias só tinham filhos de seis em seis anos. A lógica da tradição guerreira não permitia carregar mais de um filho na mão em cima do cavalo. Deixar para ter outro curumim apenas quando o primeiro já possuía a capacidade de montar sozinho sempre foi uma determinante. A guerra consumiu muitos membros das aldeias de origem guaicuru, e tal fenômeno gerou a necessidade de “incorporar”

A pintura corporal elaborada e a montaria são características marcantes da cultura do povo Kadiwéu, na fronteira do Mato Grosso com o Paraguai



Lévi-Strauss fez sua primeira expedição no interior do Brasil em 1936

Destino incerto

Apesar do conforto e da agilidade dos meios de transporte modernos, refazer parte dos caminhos de Lévi-Strauss envolveu percorrer longas distâncias por água, terra e ar em três viagens distintas. Com a ajuda de um táxi-aéreo e longas horas de 4x4 por estrada de terra, alcançamos as aldeias dos povos Amondawa e Nambikwara. Ambas vivem em uma situação semi-isolada da civilização, muito semelhante ao que encontrou o antropólogo francês em 1930. Estas visitas foram possíveis com autorização da FUNAI, em viagens pré-agendadas com os chefes de posto de cada reserva indígena, responsáveis pelo bem estar de suas comunidades. Em cada visita, os encontros com os caciques e representantes da FUNAI deixaram claro que, apesar da localização remota e das condições de vida longe de serem consideradas ideais, as aldeias contam com certa atenção do governo, em forma de assistência médica, educação e demarcação de terras. Já na aldeia São João, terra do povo Kadiwéu, encontramos caciques e guerreiros se comunicando em um português bem articulado e acostumados com os hábitos urbanos das cidades sul-mato-grossenses localizadas nas imediações da reserva. Mas nenhum destes fatos impede que os índios Kadiwéu mantenham as tradições de sua cultura e o expressivo traço detalhado de sua pintura corporal, tão apreciado e descrito por Lévi-Strauss.

"Meu único desejo é um pouco mais de respeito para o mundo, que começou sem o ser humano e vai terminar sem ele - isso é algo que sempre deveríamos ter presente".

Lévi-Strauss, aos 97 anos, quatro anos antes de morrer.



Cacique Amondawa entoando canto tradicional da dança dos guerreiros da aldeia

novos indivíduos. A genética dos índios que compõe as aldeias hoje é fruto de sequestros de mulheres e adoção de crianças de etnias vizinhas como guanás, guaranis, guayaquí, e mulheres e crianças paraguaias e brasileiras. A visita do professor nas aldeias Kadiwéu rendeu reconhecimento e notoriedade adquiridos no meio acadêmico francês. Após a viagem, Lévi-Strauss conseguiu verba destinada à pesquisa científica para sua expedição seguinte.

Poucas mudanças

Na segunda viagem, um dos grupos étnicos que mais impressionou o antropólogo por sua natural doçura e hospitalidade foram os Nambiquara. A aldeia visitada pelo professor segue instalada no mesmo lugar, próximo a Campo Novo dos Parecís, no Mato Grosso.

Estabelecidos sobre paisagens que caracterizam a transição entre cerrado e Amazônia, eles viveram de caça e coleta, praticamente isolados das mazelas do mundo moderno, até 1965, quando viram suas terras serem invadidas gradualmente por garimpeiros e pelo movimento de extração de madeira ilegal.

Hoje este povo famoso na história da etnologia brasileira por ter sido contatado “oficialmente” pelo Marechal Rondon e também por ter sido estudado a fundo por Lévi-Strauss, se encontra reduzido. Aproximados 1600 habitantes vivem hoje em pequenas aldeias, nas altas cabeceiras dos rios Juruena, Guaporé e Madeira, em contraste com os 10 mil indivíduos estimados por Lévi-Strauss em sua visita. No começo do século XX, eles ocupavam uma área muito mais extensa que a atual, e viviam em constante movimento sobre o território, num ritmo de vida semi-nômade. Sua cultura material muito simples contrasta com seu universo cultural extremamente complexo. A natural altivez que encantou o antropólogo segue presente na aldeia, e tem ajudado a preservar sua identidade e relativamente bem sucedida abertura ao mundo exterior. Até um ano atrás, o povoado tinha um ancião que se lembravam da visita do francês em 1938.

Essa expedição de Lévi-Strauss durou seis meses, de maio a novembro, e também visitou os últimos membros da etnia Tupi-Kawahib, hoje considerados desaparecidos. Judeu de origem al-saciana, Claude era um jovem alto, louro, e muito exótico aos olhos dos indígenas. Com sua câmera fotográfica registrou imagens incontavelmente reproduzidas ao longo dos anos, e usadas como referência nas pesquisas acadêmicas.

Embarcado em sua investida mais longa e distante, Lévi-Strauss viajou pelo sinuoso rio Machado,



Acima, danças e ritmos marcados com flautas. O ritual Yrerua é executado pelo povo Amondawa da mesma forma que era praticado nos anos 30, durante a visita do antropólogo Lévi-Strauss. Abaixo, mulheres se preparam para dançar em aldeia Amondawa da reserva Uruewaw-Waw, Rondônia

Título do mapa



Estima-se que havia 5 milhões de indígenas e mais de mil povos na época do descobrimento. Hoje são 227 povos e a população total gira em torno de 400 mil

O salto Utiariti, paisagem do rio Papagaio que encantou Lévi-Strauss, fica hoje dentro da reserva indígena do índios Paresií, no Mato Grosso



Ritual de passagem da menina-moça, Aldeia Nambikwara, Mato Grosso

que hoje corta a cidade de Ji-Paraná, na porção central de Rondônia. A pé, alcançou aldeias no coração de um trecho denso da floresta amazônica, habitada pelo povo Uruewawaw. Também conhecidos como Amondawa, os membros dessa etnia até hoje falam muito pouco português, mas são fluentes em Kawahib, idioma da família Tupi-Guarani. Reduzidos a 170 representantes, os Amondawa preservam sua identidade cultural através de suas festividades. No Yreruá (foto), o cacique e seus homens tocam a flauta maior (Yrerua) no meio da roda, enquanto marcam o ritmo da dança com os pés. Os guerreiros pintados simulam o movimento de suas flechas enquanto os mais jovens tocam percussão. Separadas, as mulheres dançam agarradas entre si pelos braços. A população da Reserva Indígena Uruewawau está distribuída em 6 aldeias por questões de proteção e vigilância. Ao sul da gigantesca área de 1.867.117 hectares, índios isolados como os Parakuara e os Jureireis, se encontram próximo ao rio Cautário.

Após o contato, no início dos anos 80, um preocupante decréscimo populacional foi registrado: 2/3

dos habitantes morreram eliminados em razão de conflitos e das sucessivas doenças infecto-respiratórias que assolavam as aldeias. Após a demarcação, e consequentes fiscalização e vigilância da reserva em 1993, uma pequena retomada no crescimento populacional foi notada entre os Amondawa: a população de 114 registrada em 1995 passou para 168 índios em 2002. As condições socioeconômicas da aldeia melhoraram com sua considerável produção agrícola, estimulada com assistência técnica na aldeia Trincheira, o que garante a segurança alimentar e previne casos de inanição.

Estima-se que havia 5 milhões de indígenas e mais de mil povos na época do descobrimento. Hoje são 227 povos e a população total gira em torno de 400 mil. Epidemias modernas e a violência usada pelos colonizadores foi o maior motivo da redução, e doenças de homem branco seguem afetando comunidades no Amazonas.

Claude Lévi-Strauss morreu em 30 de outubro de 2009, poucas semanas antes da data em que faria 101 anos. 